

A REVISTA



PÁSSAROS E PALAVRAS

Carlos Calvo dá-nos a conhecer a atividade radiofónica do nacionalismo galego no exterior, da França ao México e da Inglaterra à Venezuela, passando pola Suíça ou a Argentina. As emissoes de rádio do movimento galego fôrom perseguidas polo regime franquista, até o ponto de serem censuradas por causa das pressões do ministro Fraga Iribarne.

DE MEIGAS E MEIGALHOS

Alba G. Noia e Rubén Melide realizam um percurso polas práticas de bruxaria documentadas no nosso país, tantas vezes mal compreendidas e denostadas pola cosmovisom cristá. A iniciaisom da meiga, a aversom que esta sente face à cruz ou a relaçom das feiticeiras com o popular *Ciprianiño* som alguns dos elementos abordados neste artigo.

LÍNGUA NACIONAL

A *estrangeirizaçom* sofrida na própria terra polas pessoas galegofalantes é exemplificada por Valentim Fagim através do caso concreto dumha mulher que visita um hospital. O facto de a mulher ter nascido na Austrália e ser utente da nossa língua provoca um sentimento de estranheza por partida dupla.

EM TEMPOS

Pássaros e palavras. A rádio no nacionalismo galego

C.C.V.

Os pássaros e as palavras voam por cima das fronteiras, dizia Castela. Como andorinhas de papo encarnado, as palavras da Galiza livre continuárom a voar desde terras mais cálidas durante a longa noite de pedra. Para alguns historiadores críticos instrumento de propaganda de modernizaçom agressiva, a rádio também foi empregada de jeito contrário. Veremos aqui alguns episódios desta história.

Nacionalismo radiofónico

As primeiras ocasiões em que os programas radiofónicos fôrom postos a serviço da causa galega datam de antes de 1936 e, de facto, jogárom um importante papel na campanha polo Estatuto. Na luta anti-franquista a rádio mais importante foi a Pirenaica, controlada polo PCE. Nela emitia-se um programa galego, cuja responsável pudemos entrevistar no NOVAS DA GALIZA. Também nas nossas páginas, Carlos Durão recordou a emissom galega na BBC de Londres. Ainda, Guerra da Cal

falou da nossa língua e cultura desde as ondas dos EUA.

“Hora de Galicia”

Em 1952 começa-se a emitir o programa “Hora de Galicia” através de Radio XESM de México, que ao pouco tempo se vincula ao Padroado da Cultura Galega. A entidade editora da revista Vieiros publicará em 1954 um compilatório do programa radiofónico, intitulado “Presencia de Galicia en México”. Estes nacionalistas de esquerdas emitirám sem problemas até 1966, quando as pressões do Ministro de Informaçom de Franco, Manuel Fraga, consigam rematar com as emissoes galegas de Inglaterra, França e México, sob a acusaçom de “injúrias à Pátria”. Conforme explica o independentista Luís Soto: “Imediatamente a Universidade Nacional Autónoma de México nos invitou a fazer a emissom desde as suas instalaçoms, mas somente nos podia dar um dia solto e em horas de trabalho, porque estava completa a programaçom de



dous anos. Fomos à Universidade e estivemos dous meses, mas a audiência era mui escassa, e nom merecia a pena gastar a pólvora mental em pequenas selvas”.

“Sempre en Galiza”

Quando Celso Emílio Ferreiro chega à Venezuela para dirigir o âmbito cultural de “Hermandad Gallega” fai-se também responsável da sua emissom radiofónica, mas é sabido o mal que rematou a empresa.

Muito antes, a 3 de setembro de 1950, os nacionalistas galegos do Uruguai começam a emitir o programa ainda vivo “Sempre en Galiza”, portanto, o decano das ondas galegas. Se bem antes já houvera na Argentina emissoes bilíngues por causa da legislaçom,

esta é a primeira emissom monolíngue completamente. Entre os promotores estão Lois Tobio e Xesus Carabal, que ocupárom o cargo de delegado no Uruguai do Conselho da Galiza; galeguistas como

Manuel Meilán, Pedro Couceiro e Antom Crestar, e posteriormente os membros da UPG X.L.Vilaverde, Iolanda Díaz e Fernando Pereira Caamaño. Este último, ao entrar passaria a fazer os editoriais e uniu-se na Galiza ao PGP chegando a ser alcaide de Souto Maior.

Algunhas das gravaçoms do programa, emitido na prestigiosa Radio Carve, fôrom enviadas a Carlos Díaz em Suíça, quem levava a correspondência exterior da UPG.

Como mostra da importância deste grupo nacionalista, recordaremos como em 1968, após visitar o país, Ferrín é encarcerado de volta à terra. No Uruguai o tema chegou ao Parlamento, solicitando a representantes de todos os partidos a sua posta en liberdade.

As palavras da Galiza livre continuárom a voar desde terras mais cálidas durante a longa noite de pedra

“Galiza Sempre”

Nos anos 70 Ramón Chao, na altura próximo à UPG, emitia um programa galego na Radio France, ajudado pola comissom cultural da “Casa de Galicia de París”. Suspendidas pola pressom do Governo espanhol, Chao tentará em várias ocasiões reanudar as emissoes.

Em dezembro de 1985, nasce o programa “Galiza sempre” em Genebra, da maõ da associaçom nacionalista *Galicia Hoxe*. Em 1989, quando atualiza os seus estatutos, assinala que “atualmente a tarefa principal é umha emissom de rádio”, que persegue os objetivos de “dar informaçom aos emigrantes da atualidade política, social, económica e cultural do povo galego no seu conjunto”.

Deixamos para outra ocasiom o programa galego de Margarita Ledo desde o Portugal revolucionário onde a UPG se sentia como numha Galiza livre. Pola primeira vez os pássaros radiofónicos que nom davam chegado do outro lado do Atlántico ou desde a velha Europa à Galiza, sim o podiam fazer desde o Porto.



EM TEMPOS

De meigas e meigalhos

Rubén Melide e Alba G. Noia

Segundo nos explica X.R. Marinho Ferro no seu libro *A bruxaria na Galiza*, as palabras *bruxa*, *meiga* e *feiticeira* som sinónimas. Porém, sabemos que a sul do Minho o vocábulo *meiga* adquire outros significados -agarimosa, suave, tenra- derivados do termo latino *magica* ou *medica*. A bruxaria na Galiza costuma ser asociada ao mal, mas esta asociación nem sempre funciona, como veremos mais adiante. Suspeitamos que a obsessom cristá por acabar com cultos e crenças anteriores e/ou paralelas conduziu para a estigmatización da bruxaria e a sua identificación com o mal. Ao respeito, trazemos à tona as palabras escritas em 1612 polo inquisidor Alonso Salazar Frías a respeito da bruxaria no País Basco, refletidas na monumental obra de Gustav Henningsen *O advogado das bruxas*: "nom houvo bruxos nem embruxados no lugar até que se começou a tratar e escrever deles". Ao que parece, a própria proscricom do fenómeno é o que o torna estranho e, em consecuencia, maligno. Nesse sentido, as nossas meigas corrêrom a mesma sorte dum Fósforo ou Lucifer, equiparado com o mal absoluto por obra e graça da fé cristá.

Sendo assim as cousas, muitas pessoas adoitavam proteger-se de supostos ataques de bruxaria -por exemplo o mal de olho ou *ramo cativo*- com umha cruz pendurada do pescoço. Muitas vezes, a cruz era a chamada *de Caravaca*, ou dupla. Costumava acreditar-se que as bruxas e o demo sentem pánico perante a cruz. Em Ourantes, no concelho de Pungim e comarca do Carvalhinho, a tradiçom oral narra a história dum homem que viu como a sua mulher e filhas se untavam com umha apózema para posteriormente saírem voando pola janela. Ele também se untou e saiu voando, até chegar a umha reuniom entre as meigas e o diabo quem, alegrando-se muito por contar com um novo devoto, lhe apresentou um documento em que os recém chegados assinavam com a letra O. Porém, o homem assinou com umha cruz, como costumam fazer os analfabetos, e ao momento desaparecêrom todos entre berros.

Segundo a crença popular, a meiga nasce, mas também se pode fazer. A condiçom de meiga

Suspeitamos que a obsessom cristá por acabar com cultos e crenças anteriores e/ou paralelas conduziu para a estigmatización da bruxaria e a sua identificação com o mal. O inquisidor Alonso Salazar Frías, a respeito da bruxaria no País Basco, reflete na obra de Gustav Henningsen *O advogado das bruxas*: "nom houvo bruxos nem embruxados no lugar até que se começou a tratar e escrever deles"

é adquirida acudindo a umha reuniom de feiticeiras com umha madrinha ou protetora e rezando ali o pai-nosso das meigas:

*"Pai sodes nosso escolhido para vos a glória dar.
Pai sodes nosso soleante para a glória vos dar.
Pai sodes nosso no jardim para a glória nos dar.
Amái vós este meu corpo para a vossa alma consolar.
Amém".*

Também entra no mundo das bruxas a pessoa que, com essa intençom, dá a mao a umha feiticeira veterana. Umha meiga moribunda pode transmitir a sua condiçom a umha outra por meio dumha vassoira ou um caço, desde que ambas as duas o segurassem ao mesmo tempo. A herdeira adoita ser a filha da bruxa, mas nem sempre é assim. É por isso que a tradiçom oral diz que as pessoas que assistirem à agonia dumha meiga devem evitar tomar a vassoira perante um eventual oferecimento da bruxa, quem, passando o mal a quem tomar a vassoira, morrerá em paz e atingirá a salvaçom cristá.

O *aquelarre*, vocábulo importado do basco que quer dizer "campo do macho cabrio" é a reuniom das bruxas, embora originalmente designasse o local onde aquelas se reuniam. Para acudirem ao aquelarre, as meigas untam-se com umha apózema que as transforma em espíritos, concedendo-lhes a facultade de voar e também a de se meterem por buracos tam pequenos como



os das fechaduras. A composiçom de tal apózema é um total mistério, embora por vezes se tenha ouvido dizer que é fabricada polo demo ou que a fam as meigas à base de gordura de serpe. Antes de começarem o seu voo, as meigas pronunciam a frase "por riba das silvas...", seguida do lugar ao que pretendem chegar. Em vilas da costa, como Rianjo ou Sam Genjo, as bruxas podem viajar de barco. A dizer de certos relatos, as feiticeiras reúnem-se nos aquelares, a jeito de assembleia maléfica, para tomarem acordos acerca dos males que vam causar na aldeia. Podem, por exemplo, lançar males de olho, secar as leiras, botar a perder as colheitas ou provocar doenças em pessoas ou em animais. Os marinheiros falam de jornadas de trabalho sem rendimento por causa dum mal de olho. Um pescador de Malpica, que comprara um barco novo, via como os seus companheiros apanhavam grandes quantidades de peixe enquanto as suas redes ficavam vazias. Suspeitou que fosse umha açom de bruxaria e consultou com umha *curandeira* -termo que, para nós, nom designa outra cousa que umha meiga que fai o bem-, a qual lhe mandou afumar o barco e salferi-lo com umha rama de loureiro molhada em água benta.

Um livro que a tradiçom tem relacionado com as meigas é o Livro de Sam Cibrao ou *Ciprianillo*, umha espécie de gri-

Um livro que a tradiçom tem relacionado com as meigas é o Livro de Sam Cibrao ou *Ciprianillo*, umha espécie de grimório ou livro mágico que serviria, entre outras cousas, para encontrar tesouros, conjurar o demo, desvelar saberes ocultos ou fazer magia

mório ou livro mágico que serviria, entre outras cousas, para encontrar tesouros, conjurar o demo, desvelar saberes ocultos ou fazer magias de todo o tipo. Refere-nos Vitor Vaqueiro na sua *Guia da Galiza Mágica* que no nosso país circulam duas ediçoms: umha portuguesa, sob o título de *Grande livro de Sam Cipriano ou tesouro do feiticeiro*, e umha outra espanhola. Segundo a tradiçom, o livro foi escrito por Sam Cibrao, bispo de Cartago, decapitado por se ter negado a apostatar em meados do século III da nossa era. Assegura-se que está cheio de termos ininteligíveis e de signos cabalísticos. Existe mesmo umha lenda segundo a qual o livro que nos ocupa estaria em Compostela, nalgum lugar oculto da Universidade, nom podendo ser achado por ninguém, embora circule um grande

número de cópias. Quem abrir o exemplar escondido irá sofrer excomunhom eterna, mas desfrutará do achado de quantos tesouros quiser.

As pesquisas que realizamos pola nossa conta conduzirom-nos ao chamado *Meigo de Reborido*, um homem com fama de boa pessoa e hábil arranjador de problemas alheios que morava na compostelana freguesia de Vilhestro. Ao que parece, o Meigo de Reborido era adivinho e curava males como o ramo cativo, doenças mentais, falta de apetite, insónia, doenças de animais, afeçons da pele, problemas do agro e do gado, ou mesmo más relaçons familiares. As práticas que empregava incluíam passar ovelhas por cima do insone, lavar-se com certas ervas, recitar determinadas oraçons ou enterrar ovos na eira para combater as invejas. Do Meigo de Reborido sabemos que fazia visitas por toda a comarca de Compostela e ainda além desta, assim como que os seus poderes eram herdados. É mais: existe o boato de que alguém os herdou dele.

Nestes tempos de modernidade cibernética, tanto as práticas de bruxaria quanto os relatos acerca desta caírom num certo desuso. Porém, no NOVAS DA GALIZA ainda sabemos dalgum antigo redator e colaborador habitual que é quem de estar no cárcere e no monte a um tempo. A ele é que vai dedicado este artigo.



A FOTO

Charo López

A resistência está em todas partes

A resistência somos todas as que defendemos a casa da nossa mãe, com todos os nossos fôlegos, com todas as nossas armas. Fazer parte da resistência galega é uma necessidade e um privilégio ao mesmo tempo; necessidade para poder respirar, para deixar de sentir as embatidas da violação em cima de nós, dentro de nós. E privilégio porque, nestes tempos, não é pouco seguir vivas depois de tragar tanto sêmen venenoso. Seguir sentindo. Sentimos, por exemplo, ódio. Útil e saudável ódio, para passarmos das palavras às pedras (eis a dialética). E com certeza, amor. Um amor verdadeiro e generoso, que nos mantém inteiras e alegres. Porque aqui, sim senhora, somos-lhe felizes. O mais longe possível dos vossos ecrãs, e à distância precisa da caixa dos contadores.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Hadriám Mosqueira Paços, mais conhecido pela alcunha de Senheiro (Quistiláns-Ames, 1985) é um poeta e rapeiro do Vale da Amaía. Começou a escrever bem novo e fiijo parte, aos 14 anos de idade, do grupo fundador do fanzine *NON!*, editado no instituto de Bertamiráns. Mais tarde, também fundaria *A Folha da Fouce*, revista vinculada ao Centro Social A Fouce daquela localidade. Embora a sua obra poética tenha permanecido até hoje no quase total anonimato, fiijo-o ganhador de vários prémios na sua adolescência e primeira mocidade. A seguir, apresentamos umha seleção de textos do seu poemário *Desaprendendo a Sonhar. Labirintos do Silêncio*.

(Desaprendendo a sonhar)

por Hadriám Mosqueira *Senheiro*

Escamparám
todos os remorsos
coa aperta estridente das mandíbulas,
ficaremos na fissura, atropelados
polo rego automático.

Porque conhecer
os sumidoiros do arco da velha
comporta a friagem de mais de cinco séculos;
somos a estrada que che assobia
co rinchar do eucalipto
latejando um rouco motor,
aninhamos o estigma
da primavera sequestrada.

Alongamo-nos num relógio de gelo,
pois castigárom-nos as ondas no quarto escuro
por brincarem puras,
a saloucos de liberdade.

E assim, recludos entre a brêtema viscosa,
carrejam-nos os faros da hipnose,
como perpétuos, como simples

desejos derretendo-se
no valor do mercado.

A Lua Cheia derruiu-se,
nom havia gume
nem gemido
que partisse a serpe,
coou-se silandeira polos ossos
até fazer-me respirar diagonais
de medo,
como um trem
percorrendo a espinha dorsal.

Quem sabe
onde repousa a voz metálica,
se todo é umha procura
coas pernas febles, cloro na gorja,
ver como desfila
cara o fantasma de ti mesmo.
Ver como o povo afoga no seu suor,
fechado na estação de vidro,
dissipando-se baixo este céu censurado
por umha mancha-roxa de runruns.

Como íamos saber
que tínhamos os gestos afixados
numha caricatura das entranhas,



todo disfarçado com fogos de artifício
nos trinques,
no leite vertido,
nas etiquetas;

que polos pescoços cheios de óxido,
os maniquis mercenários
cavalgam satélites e bebem
tragos de deserto avermelhado
alçando um sorriso
que já anuvia humus.



LÍNGUA NACIONAL

Estrangeira x2

Valentim Fagim

Uma mulher galega, nascida na Austrália e que leva 8 anos a morar no nosso país visita a secção de urgências de um hospital cidadão, Corunha, Vigo, tanto dá. É recebida por vários médicos a quem explica o porquê da sua presença ali:

- Estava a trabalhar, comecei a me sentir mal e sofri um des-



maio. Quando acordei nom me lembrava de nada.

Antes de poder dar mais detalhes é interrompida por um médico solícito:

-¿Ay, eres portuguesa? Entonces, vamos a llamar a Carmen que es de allí y está de prácticas en nuestro hospital.

A mulher galega nascida na Austrália recebe o primeiro carimbo de estrangeira mas responde: - Não sou portuguesa, sou australiana.

Nesse momento os cabos da máquina começam a fumar. É como aquelas vozes pregravadas ao telefone quando nos dizem: -

É como aquelas vozes pregravadas no telefone quando nos dizem: a sua resposta não consta

a sua resposta não consta no repertório. Tente outra vez.

A tal médica portuguesa é chamada, explica-se-lhe a situação e resolve falar com a mulher galega nascida na Austrália... em inglês, it's natural, tudo Ok. A segunda na frente.

CINEMA

Sangue do meu sangue

Julio Vilarinho

Este ano tivemos a oportunidade de poder ver em Cineuropa umha pequena retrospectiva de cinco filmes de João Canijo, um dos renovadores do cinema português mais desconhecidos além das suas fronteiras. Deveríamos assinalar aqui que por "poder ver" referimo-nos ao amplo significado da expressom, pois os organizadores do dito festival/certame mostram-se encantados de se conhecerem presumindo ante os meios da seleçom de filmes enquanto parecem ignorar por completo a escassa qualidade das projeçoms.

Independentemente das lamentáveis condições de projeçom de espaços como o CGAC, este ano superárom-se todas as marcas prévias no que diz respeito a equívocos nos formatos, desenhos, problemas de som e desastres vários que mostram o escasso amor e respeito que, além da imprensa e dos focos, tenham os responsáveis do evento no que diz respeito ao seu trabalho.

No tocante à obra de Canijo, os três filmes mais antigos que pudemos ver, *Sapatos Pretos*, *Ganhar a Vida* e *Noite Escura* representam a sua volta ao cinema depois dum tempo trabalhando na televisom. Estes revelam um diretor formal e tematicamente violento: a câmara, em contínuo movimento, muito perto dos atores; a montagem,



urgente e hiperfragmentada; e as narraçoms, inspiradas na meirande parte em tragédias gregas concretas, acompanham em intensidade a forma. Todos estes filmes retratam personagens marginais e marginados, procedentes dum mundo suburbano de criminalidade, pobreza, trabalho precário e emigraçom. Os espaços fechados, claustrofóbicos e escassamente iluminados quase nom permitem ver o contorno, a cidade, a qual aparece em muitos casos de jeito mais implícito do que explícito.

Estas películas, junto com a

posterior *Mal Nascida*, inspiraram-se numha certa pós-modernidade cinematográfica (reconhecendo o próprio diretor a dívida contraída com um diretor como Hou Hsiao-Hsien), e formam um sólido bloco em que assentou a fama de Canijo. Trás o parêntese que supujo na sua obra *Fantasia Lusitana*, incursum documental na memória portuguesa da pós-guerra, o diretor demorou um tempo para completar o seu filme mais redondo, o magnífico *Sangue do Meu Sangue*. Estreada numha montagem

reduzida em Donostia em 2011, e este ano numha ambiciosa versom de mais de três horas de duraçom, a película mantém certas constantes temáticas com a sua obra anterior relaxando, no entanto, a constante e altíssima intensidade dos filmes precedentes para conseguir um conjunto mais orgânico e harmónico, sustentado em planos mais longos tanto em distância como em duraçom.

Afastando a câmara, Canijo encontra umha profundidade de campo que lhe permite simultanear cenas, rompendo a

clássica progressom linear narrativa e apostando mais em retratar as relaçoms entre personagens do que em definir a sua psicologia. Todo este dispositivo formal entronca, em certo modo, com um filme como *La Soledad* de Jaime Rosales, que partilha com o que nos ocupa a procura dumha certa atualizaçom dos códigos do melodrama cinematográfico. Para isso o diretor português abandona os textos e referências clássicas em favor dumha história de amor, sacrifício e relaçoms humanas num pequeno núcleo familiar. O processo de escritura do filme, elaborado conjuntamente com os intérpretes, converte *Sangue do meu Sangue* numha criaçom coral.

Canijo, acostumado a trabalhar com um mesmo elenco de atores (Teresa Madruga, Anabela Moreira, Adriano Luz e a extraordinária Rita Blanco) levava perseguindo vários anos este pouco ortodoxo modelo de trabalho, inspirado no cinema de John Cassavettes, até o ponto de romper com Paulo Branco, omnipresente produtor de referência do cinema de autor europeu e colaborador seu durante quase vinte e cinco anos. Dito processo de criaçom é, precisamente, o tema em torno ao que trata o derradeiro filme que pudemos ver em Cineuropa, *Trabalho de Actriz*, *Trabalho de Actor*, obra que documenta as conversas entre diretor, atrizes e atores das que saírom tanto as biografias das personagens como as situaçoms que tenham lugar neste monumental filme.